



Guilherme de Faria

Guilherme de Faria nasceu em Guimarães, em 1907; em 1919 mudou-se com a família para Lisboa; em 1929, com apenas 21 anos, pôs fim à sua vida, na Boca do Inferno, em Cascais. Foi poeta e assumiu-o tão fatalisticamente que negou a si próprio a possibilidade de ter sido outra coisa. Apesar de efémera, a sua vida foi intensíssima: entre 1922 e 1929, Guilherme de Faria publicou Poemas e Mais Poemas (1922), Sombra (1924), Saudade Minha e a plaquete Oração a Santo António de Lisboa (1926), Destino e Manhã de Nevoeiro (1927); postumamente, em 1929, serão editados Desencanto e Saudade Minha (poesias escolhidas); organizou uma Antologia de Poesias Religiosas, que só seria publicada em 1947; foi editor de Teixeira de Pascoaes e relacionou-se, com mais ou menos proximidade, com as principais figuras das letras e das artes do seu tempo.

Tudo o que na biografia de Guilherme de Faria é susceptível de ser relacionado com a sua idade resulta na evidência de uma precocidade perturbadora: com apenas 11 anos, ainda em Guimarães, dirigiu o 5 de Dezembro, um pequeno jornal quinzenário, defensor da causa sidonista; com 17 anos editou a Elegia do Amor de Teixeira de Pascoaes; com 19 anos foi retratado por Almada Negreiros; com 21 anos deixou uma obra poética singular que, no contexto do Neorromantismo lusitanista, o integra na melhor tradição lírica e elegíaca da poesia portuguesa. Mas Guilherme de Faria acabou por ser esquecido, particularmente devido à sua morte tão prematura, às especificidades quase anacrónicas da sua poesia e à proximidade ideológica ao Integralismo Lusitano. É a sua vida e a sua obra que pretendemos resgatar dos escombros de oito décadas em que o esquecimento se impôs impiedosamente; é a sua vida e obra que pretendemos devolver à história da literatura portuguesa.

# “Fim”

Alma, enfim descansa  
Na desesperança.

Alma, esquece e passa:  
Dorme, enfim segura  
Dessa última graça  
Que é toda a ventura.

E à Saudade em flor  
Que o teu sonho lindo  
Perfumou de amor,  
Diz-lhe adeus, sorrindo...

Que Ela há de escutar-te,  
Pálida, a entender-te!  
E, no espanto enorme,  
Sonhando envolver-te,  
Triste, há de embalar-te  
— «Dorme... dorme... dorme...» —  
Como a adormecer-te.

Guilherme de Faria